

ENTREVISTA

Rafael Ferronato de Rezende
“Estudar fora é uma experiência fantástica.”

Rafael Ferronato de Rezende veio da cidade de São Carlos para estudar no Colégio Etapa. Ao terminar o Ensino Médio, em 2008, entrou em Engenharia de Produção na USP São Carlos. No segundo semestre foi estudar no INSA de Lyon, na França, onde está concluindo o curso de Engenharia. Embora no início do colégio não pensasse em ser engenheiro, sua opinião agora é muito bem definida: “Engenharia está com tudo”.

JC – Quando e por que você decidiu fazer Engenharia?

Rafael – Quando vim de São Carlos para o Etapa, queria fazer Economia ou Administração, mas na metade do 2º ano os alunos daqui receberam um convite para estudar na França, no INSA (*Institut National des Sciences Appliquées*) de Lyon. Para estudar lá precisava ser aprovado em Engenharia no Brasil, em escola pública. Aquilo me empolgou e fui atrás. Falei: “Vamos então começar Engenharia de Produção e mais para frente eu trabalho na parte de Economia”. Fiz um esforço enorme para evoluir no 2º ano, e no 3º ano participei do grupo de preparação para o INSA.

Hoje você está em qual curso no INSA?

Engenharia Industrial. A grade é muito próxima de Engenharia de Produção, em que eu entrei na USP em São Carlos. É praticamente a mesma grade.

Você prestou algum outro vestibular, além da Fuvest?

Além da Fuvest para a USP em São Carlos, prestei UFSCar.

Por que optou pela USP e não pela UFSCar?

Foi uma escolha difícil, porque as duas são bem conceituadas e a UFSCar é ao lado de casa, em São Carlos. Eu fiquei na lista de espera da UFSCar um tempinho. Quando fui chamado, já estava integrado na USP. Cursei normalmente os

seis primeiros meses na USP e no final do primeiro semestre já sabia que ia para o INSA.

Por que você veio estudar no Etapa, em São Paulo?

Vim para cá porque senti que não estava num nível muito alto e queria passar direto. Eu sabia que o Etapa era o mais indicado para dar aquela acelerada. Durante a semana ficava com meu pai, que trabalhava em São Paulo, e voltava para São Carlos no fim de semana.

Como foi o início aqui no Colégio?

Quando cheguei eu estava com uma base muito fraca, principalmente em Matemática. Estava defasado também em Física e Química, bem atrás do pessoal. Mas sempre tive espírito competitivo e aquilo acabou sendo um desafio para melhorar. Logo consegui atingir o mesmo nível do pessoal do Etapa.

Como foi o processo para entrar no INSA?

Começou aqui no Etapa. O colégio mandava suas notas e lá eles olhavam para ver se você estava acima dos outros alunos. Eles querem que você esteja bem classificado em sua escola. O processo para ser admitido no INSA não é muito complicado. O que é complicado é o 1º ano lá. Na França, o vestibular não está na saída do Ensino Médio, está na entra-

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia

1
ARTIGO

Mutações genéticas aumentam o risco de tuberculose

5
POIS É, POESIA

Álvares de Azevedo

7
CONTO

Tílburi de praça – Raul Pompeia

4
ENTRE PARÊNTESES

Um trabalho...

6
ESPECIAL

Cidade do livro

8

da do superior. Mais da metade não passa no 1º ano. E no final do 2º ano tem outro vestibular.

Curso de francês é essencial para passar?

Não é essencial, mas ajuda muito. Se você quer ter chances de passar, é bom chegar preparado pelo menos em francês e Cálculo. Se não souber Cálculo, vai ficar bem complicado. O estudante francês já aprende na escola. O fato de o Etapa ter me dado essa base de Cálculo foi o diferencial para ter passado direto no 1º ano no INSA.

Você chegou em Lyon quando?

O semestre de aulas começa em setembro, mas você tem de chegar um pouco antes porque o INSA oferece uma escola de francês. Fui no fim de julho.

Você já estudava francês no Brasil?

No 3º ano eu fazia francês porque já estava pensando em me preparar para ir para fora. Estudei durante seis meses aqui no Etapa e por fora fazia Cultura Francesa. Depois, em Lyon, foi mais um mês e meio de estudo intenso. Oito horas por dia. No próprio INSA.

Um curso intensivo de francês?

E de Cálculo também. Lá começaram com Cálculo 2 e 3.

Esse curso intensivo é só para brasileiros ou para todos que entram no INSA?

São para três grupos, América, Ásia e Europa.

Quando você saiu daqui já tinha tudo acertado em Lyon?

O INSA acerta tudo. Quando você chega lá tem uma pessoa que até ajuda você a lavar roupa de cama, a fazer comida – café da manhã, jantar, tudo na escola. Em relação à moradia, no começo, não é uma delícia, mas é dentro do INSA. Depois você vai embora da escola e melhora por sua conta. Mas, no começo, com toda a preocupação de matéria que você tem, é uma maravilha o que o INSA proporciona a você.

Tem algum custo?

Tem um custo. Você paga uma taxa de entrada, que todos os franceses pagam para a escola pública, em torno de 1 000 euros para o ano inteiro. Paga também o aluguel da casa em que está morando, em torno de 300 euros por mês. E mais comida, que deve dar uns 400 euros. Ou seja, para você estudar na França custa uns 700, 800 euros por mês.

Qual é a duração do curso?

São cinco anos.

Como são os anos iniciais?

O 1º e o 2º anos dão os instrumentos básicos para Engenharia. Tem Matemática que, na França, é muito teórica e pesadíssima; Física, Desenho Técnico, Informática e outras coisas, como Laboratório de Física, de Química, enfim, tudo o que você pode esperar como matéria básica de Engenharia.

E depois disso?

No fim do 2º ano você vai passar pelo segundo vestibular para entrar no departamento que você quer. É pesado também.

O seu francês era suficiente para acompanhar bem as aulas?

Não, mas o fato de ser um curso de Exatas ajudou muito porque tudo está escrito matematicamente. Você entende o que está acontecendo. Quanto mais formal for o assunto, mais fácil é entender em outra língua. Agora, na rua, nas festas, era muito mais complicado conversar do que na aula.

Nas matérias, como você se saiu no período inicial?

Quando você escolhe uma escola dessas tem de saber que a rapadura é doce, mas não é mole. Se quando cheguei na França tinha um *handicap*, também tinha vantagens que o Etapa dava. Da mesma maneira que tinha um *handicap* em algumas matérias, tinha vantagem em Física, sabia outras maneiras de chegar ao resultado, tinha certas malícias que eles não tinham.

A adaptação ao curso durou quanto tempo?

Demorou uns três anos até eu me sentir integrado de fato. No começo são dificuldades específicas, depois tem a dificuldade com a cultura francesa. Trabalho em grupo com os franceses não era simples. Eles não têm a mesma maneira de pensar, de dividir projeto. Na USP, por exemplo, quando tinha um projeto, todo mundo se reunia e fazia junto.

Quanto tempo você está no INSA?

Estou no meu 5º ano e meio. Estou um ano inteiro atrasado. O 3º ano foi o grande problema. Quando cheguei no 3º ano achei que sabia demais e decidi parar um pouco – e exagerei na dose de festas. Foi aí que dancei. Mas não me arrependo porque depois desse ano a mais eu me integrei melhor, descobri outras coisas, jornal da escola, empresa júnior, essas coisas.

Quais outras matérias você teve?

Tive robótica, ainda algumas pequenas partes técnicas e no fim mistura muitas partes de gestão. Negociação, Sociologia, Gestão da Produção, *Factoring*, Cadeia de Suprimentos. Teatro também é matéria obrigatória. Eles acreditam que o engenheiro de produção tem de saber lidar com operários, com os iguais a você, e você tem, de uma forma ou de outra, estar preparado para falar com diferentes pessoas. O teatro entra como ferramenta de trabalho. Muitos projetos eles teatralizam, mostram para gente que você sabe falar com determinada pessoa.

O que fez além da parte acadêmica?

Fui presidente do jornal dos alunos da escola e aprendi a dançar.

Dentro do INSA?

Quase tudo lá. Para se ter uma ideia, dentro do INSA você pode correr de kart, pode trabalhar em empresa júnior, ter aulas de esqui e pular de paraquedas. A partir de lá você pode fazer viagens pela Europa e até fazer degustação de vinhos.

Você chegou a participar de algum trabalho científico?

Para quem já sabe que vai querer uma área acadêmica, o título do INSA é válido como mestrado. Você tem Iniciação à Pesquisa como matéria obrigatória.

Durante o curso, você fez estágios em empresas?

Fiquei seis meses na sede da L'Oréal, em Paris. Isso foi de abril a outubro de 2013. Um estágio extremamente legal. Agora vou para a Michelin.

Enquanto trabalhou na L'Oréal você não tinha matérias junto?

Não, os estágios ocupam 100% do tempo. Oito horas por dia.

O que você fazia lá?

Na L'Oréal eu trabalhei na cadeia de suprimentos. Minha função era garantir que os indicadores de performance da empresa funcionassem corretamente e que os diversos operadores da cadeia de suprimentos tivessem os indicadores corretos. Esses indicadores têm de ser semanalmente preenchidos para que a alta gestão saiba o que está acontecendo.

O estágio na L'Oréal foi em Paris. Na Michelin, onde vai ser?

Vai ser na sede da Michelin, em Clermont-Ferrand. Essa cidade tem 200 mil habitantes e fica a 100 quilômetros de Lyon.

Você vai para que área na Michelin?

Cadeia de suprimentos, igualmente. Vou alternar com serviço de informação também.

É parecido com o que você fazia na L'Oréal?

Na L'Oréal era meio a meio, era meio projeto, meio operacional. Ajudava no dia a dia. Na Michelin é 100% projeto. Vou implementar um *software* só de projetos para o pessoal que está desenvolvendo os produtos.

Atualmente como você vê as perspectivas profissionais?

A principal preocupação no último ano é encaixar um bom emprego de largada. Você faz o estágio já mirando o que quer na sequência. A grande preocupação é acertar a mão para ter um cargo que no Brasil é muito comum, o de *trainee*. Lá na França estou buscando algumas oportunidades nesse sentido.

Você pretende trabalhar na França ou no Brasil?

A minha ambição é ficar transitando. Fazer o trabalho de transferência de tecnologia França-Brasil e, por que não, Brasil-França também? Meu objetivo é fazer carreira dentro desse setor, seja na França, seja no Brasil.

Como está o mercado de trabalho no Brasil e na França?

Se você olhar a média, o desemprego na Europa está realmente alto. Para os engenheiros é ao contrário, quase pleno emprego. Eu continuo achando que Engenharia está com tudo. E no Brasil ainda mais. Com o curso de Engenharia, é questão de semanas encontrar um bom emprego aqui no Brasil. Quanto a isso, nenhuma preocupação.

Você pretende fazer pós-graduação?

Pretendo fazer MBA. Daqui a uns cinco ou seis anos.

Em qual área?

Vou partir mais para o meu gosto do começo, Gestão, Economia, Administração. Mais *business*.

Como você se vê profissionalmente daqui a 10 anos?

Eu me vejo, espero, num cargo de diretoria trabalhando na área de cadeia de suprimentos.

O engenheiro industrial, o engenheiro de produção, em quais áreas ele pode atuar no mercado?

Assim como a maioria dos engenheiros, ele consegue sair para várias áreas. Uma coisa que você tem de ter em mente é que o engenheiro de produção, a meu ver, deve ter o lado humano bem desenvolvido. Se você gosta de ficar na sua, tranquilo, meio fechado, com certeza não vai se adaptar bem. O engenheiro de produção é diferente dos outros engenheiros. É um engenheiro que raramente termina fazendo Engenharia pura. O cara que está entre Engenharia Mecânica e Engenharia de Produção está falando de duas coisas diferentes.

Como o Colégio Etapa ajudou na sua faculdade?

A formação de Exatas que tive no Ensino Médio no Etapa ajudou a ficar com uma certa intuição muito desenvolvida, para não cometer erros graves. E tem os aspectos culturais que você aprende com o Etapa, que é fortíssimo nessa parte. Assim que entrei no INSA eu ganhei um prêmio em Redação.

O que você diria a quem está pensando na possibilidade de estudar no exterior?

Eu sou o cara que mais fala para fazer isso. Não é uma escolha irreversível. Você foi, não deu certo, a porta de volta está aberta. As escolas no exterior têm interesse em alunos brasileiros. Você tem muito a ganhar estudando fora. Não é como fazer intercâmbio mais tarde. É brutal você achar que a oportunidade que o Etapa está dando hoje é a mesma que oferecerão a você daqui a quatro anos. É muito diferente ficar seis meses, um ou dois anos numa cidade, de você ser obrigado a se integrar, ser considerado alguém de lá. Estudar fora é uma experiência fantástica. Vale a pena pelo menos ver o que tem pela frente e depois tomar uma decisão. Se o Etapa oferece essa grande oportunidade, por que não?

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?

Minha formação no Etapa me ajuda muito. Na hora da verdade você acaba usando aquelas coisas que aprendeu aqui. A forte base em Matemática do Ensino Médio acaba trazendo vantagens enormes na hora do vamos ver. Eu acho que o Etapa está muito mais para mim agora. Eu tenho a impressão de que uso mais agora, nos estágios, o que eu aprendi aqui do que usei durante a parte mais técnica de Engenharia.